

A PROBLEMÁTICA DA NOMEAÇÃO NO ANTIGO EGITO

Maria Helena Trindade Lopes



w3d – rn

«Aquele cujo nome prospera»

No princípio era o silêncio... personificado numa imensa massa de água inerte, até ao infinito¹. Mas o silêncio é quebrado quando Ptah-Tatenen² se dá à existência, concebendo o mundo no seu coração e realizando-o pela força criadora da palavra³.

A partir de então a palavra «conquista» o homem, tornando-o presa

¹ Esta é uma expressão sintética das Origens, no Egito Faraónico. A este propósito vd. P. Derchain, «Kosmogonie» in *LÄ III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979, col. 747-756, S. Sauneron, J. Yoyotte, *La Naissance du Monde*, col. S.Or 1, Paris, Ed. du Seuil, 1959, pp. 17-91 e, ainda, J. P. Allen, *Genesis in Egypt – The philosophy of ancient egyptian creation accounts*, New Haven, Yale University, 1988.

² Ptah-Tatenen é um nome composto, datado do Império Novo (~1539~1069 a.C.), que reúne os nomes de duas divindades mais antigas, Ptah, o deus criador menfita, patrono dos artesãos e Tatenen, incarnação das profundezas da Terra. Como Ptah-tatenen ele exprime a «colina primordial» que emergiu das águas do Nun. Vd. H. A. Schlögl, *Der Gott Tatenen nach Texten und Bildern des Neuen Reiches*, Göttingen, Orbis Biblicus et Orientales 29, 1980.

³ Vd. J. P. Allen, *o.c.*, pp. 36-47.

da sua sedução. Garante-lhe o poder de criar, através do acto da nomeação. E assim surge o nome que, ultrapassando a dimensão de mero fragmento semântico, se apresenta com uma tripla dimensão: manifestação do ser, expressão de identidade e elemento de sobrevivência⁴.

No Antigo Egipto, o nome próprio produzia o ser, participando do seu destino⁵, na sua essência mais íntima, enquanto uma das suas manifestações. Ele expressava a natureza do seu portador⁶, as suas qualidades e características, pois nele estavam contidas todas as significações do ser, uma «família de descrições»⁷, que nenhuma definição posterior poderia decompôr⁸.

Mas, por outro lado, o nome era também expressão de uma existência, devendo explicitar claramente o «percurso vivencial» do seu possuidor. Este correspondia à manifestação das diferentes identidades do portador do nome, obrigando-o, assim, a um desdobramento ou a uma multiplicação do seu nome, de modo a que os diferentes nomes reflectissem as múltiplas facetas da personalidade de um indivíduo⁹, legitimando assim novas realidades políticas, sociais, familiares ou mentais¹⁰.

⁴ Vd. P. Vernus, «Name-Namengebung-Namensbildung» in *LÄ IV*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980, col. 321-337.

⁵ No Antigo Egipto, quando os progenitores nomeavam o recém-nascido não só lhe concediam a existência como também as características ou qualidades que o distinguiam de todos os outros. Kuhlmann chamou-lhe destino ou sorte, vd. K. Kuhlmann, «Götternamen-bildung-zusanumen-setzung» in *LÄ II*, col. 696. Este acto criador era também um «acto de instituição» como lhe chama P. Bourdieu e M. Foucault. Vd. P. Bourdieu, *Ce que parler veut dire*, Paris, Ed. Fayard, 1982, p. 100 e M. Foucault, *La Volonté du Savoir*, Paris, Gallimard, 1976, p. 123.

⁶ Vd. K. Kuhlmann, *o.c.*, col. 697. Também Platão, na sua obra *Crátilo – Diálogo sobre a justeza dos nomes* e Ésquilo, na sua tragédia *Agamémnon*, exprimem esta opinião.

⁷ Vd. S. Kripke, *La Logique des Noms Propres*, Paris, Les Editions de Minuit, 1980, p. 19 e, ainda, J. R. Searle, «Proper Names» in *Mind* 67 (1958), pp. 166-173.

⁸ Vd. F. Gil, *La Logique du Nom*, Paris, Ed. de l'Herne, 1971, p. 224.

⁹ Vd. F. Zonabend, «Le Nom de personne» in *L'Homme – revue française d'anthropologie*, octobre-décembre, Paris, Ed. E.H.E.S.S., 1980, p. 15 e, ainda, P. Besnard, «Pour une étude empirique du phénomène de mode dans la consommation des biens symboliques: le cas des prénoms» in *Archives européennes de Sociologie*, XX (2), 1979, pp. 343-351,

¹⁰ Vd. H.-P. Jeudi, «Jeux de noms, jeux de vilains» in *Comunicação e Linguagens* 10/11, 1990, p. 109.

A Problemática da Nomeação no Antigo Egito

O costume de expressar a identidade de um indivíduo através de dois ou três nomes expandiu-se no Egito Faraônico a partir de finais do Império Antigo (~2635~2140 a.C.)¹¹, embora encontremos já na III dinastia (~2635~2561 a.C.), a presença de dois ou três nomes numa mesma personagem¹²: um nome maior, raramente usado, geralmente formado sobre um nome divino (teofórico) ou real (basilofórico) e designado pela expressão – grande nome – (*rn '3*) e dois nomes menores, o bom nome (*rn nfr*), nome familiar, utilizado no quotidiano¹³ e o pequeno nome (*rn nds*), geralmente uma abreviatura ou um hipocorístico do nome maior¹⁴.

Estes diferentes nomes eram dados em dois momentos distintos da vida dos indivíduos. A primeira nomeação acontecia após o nascimento¹⁵. A segunda ou a terceira realizava-se ao longo da sua vida.

Era a rigidez do nome¹⁶ que conduzia, inevitavelmente, à sua mudança ou alteração, pois a uma nova identidade tinha de corresponder um novo nome¹⁷.

Os diferentes nomes de um indivíduo podiam, assim, ser motivados por diferentes razões: razões que se prendiam com a conjuntura do seu nascimento¹⁸, razões que se prendiam com a importância e a eternidade

¹¹ Na maior parte dos casos de tripla identidade, no Império Antigo, encontramos um nome maior, formado sobre um nome real (basilofórico), e dois nomes menores, um segundo nome formado sobre um nome divino (teofórico) ou então nem basilofórico nem teofórico, e um terceiro nome que aparece como uma abreviatura ou um hipocorístico do precedente, vd. H. Junker, «Die Stele des Hofarztes'irj» in *ZÄS* 63, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1928, pp. 59-63.

¹² Vd. P. Vernus, *o.c.*, col. 322.

¹³ Este nome expressa, em si mesmo, uma dimensão favorável, que lhe é fornecida pela sua qualificação de *nfr* (bom), cf. G. Fecht, «Die Königs insignien mit s-suffix» in *SAK I*, Hamburgo, 1974, p. 191.

¹⁴ Vd. a este respeito M. Helena T. Lopes, *Os Nomes Próprios no Império Novo* – tese de doutoramento, F.C.S.H., 1995, pp. 12ss.

¹⁵ Vd. H. Ranke, «Grundsätzliches zum verständnis der Ägyptischen Personennamen in Satzform» in *SHAW 1936-1937*, Heidelbergue, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1937, pp. 9-12 e, ainda, G. Posener, «Sur l'attribution d'un Nom a un enfant» in *RdE* 22, Paris, Ed. Klincksieck, 1970, pp. 204-205.

¹⁶ S. Kripke, *o.c.*, pp. 37ss.

¹⁷ V. Descombes, *L'Inconscient malgré lui*, Paris, Les Editions de Minuit, 1977, p. 46 e, ainda, H.-P. Jeudi, *o.c.*, p. 109.

¹⁸ Vd., por exemplo, J. Vergote, *Les Noms Propres du P. Bruxelles Inv. E. 7616. Essai d'interprétation*, Leiden, E. J. Brill, 1954, p. 23.

da linhagem¹⁹ e, ainda, razões que se prendiam com as diferentes personalidades do ser a nomear²⁰.

Deste modo, no Antigo Egito, um indivíduo podia receber um nome alusivo à época festiva do seu nascimento (*Imn-m-ḥb* – Amon está em festa –)²¹, a que se juntaria, por exemplo, um nome expressivo da relação familiar (*Sn.j-ḥn'i* «O meu irmão está comigo»)²² e, finalmente, um epíteto de glória (*Kn* «O bravo»)²³ ou de infâmia (*i-ḥm* «Oh, ignorante»)²⁴ ou, ainda, uma alcunha (*d3f* «O ruço» (de cabelo)²⁵.

Esta multiplicidade de nomes correspondia, no fundo, à multiplicidade do sujeito²⁶ a nomear. Um sujeito que era, estava e permanecia, através do seu nome. Este era, também, um elemento de sobrevivência²⁷.

Para alcançar a eternidade, o homem egípcio devia garantir a presença e a permanência do seu nome sobre a terra²⁸, evitando a todo o

¹⁹ «Na soberania antiga, o nome era a garantia da eternidade de uma linhagem», M. Montaigne, «Des Noms» in *Essais I*, p. 407 e, por exemplo, H. de Meulenaere, «La famille du roi Amosis» in *JEA 54*, Londres, Egypt Exploration Society, 1968, p. 185, n. 8.

²⁰ Vd., por exemplo, J. Černý, R. A. Parker, «An abnormal hieratic Tablet» in *JEA 57*, Londres, Egypt Exploration Society, 1971, p. 129.

²¹ *PN I*, 28, 14. Este tipo de nomes designam-se por «nomes evocativos de festas religiosas» e eram dados quando o nascimento de uma criança coincidia com a data de determinada festividade.

²² *PN I*, 309, 15. Este tipo de nomes é motivado pela consciência da unidade da linhagem, situando-nos o recém-nascido face à sua família. Vd., a respeito desta problemática, T. Cardoso e Cunha, «Nome e classificação» in *Comunicação e Linguagens* 10/11, 1990, p. 103.

²³ *PN I*, 334, 17.

²⁴ T. Schneider, *Asiatische Personennamen in ägyptischen Quellen des Neuen Reiches*, 080 114, Göttingen, Universitätsverlag Freiburg Schweiz, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 289. Vd., a propósito desta problemática, P.-H. Stahl, «Soi-même et autres. Quelques exemples balkaniques» in *L'identité* (dir. C. Lévi-Strauss), Paris, Grasset, 1977.

²⁵ *PN I*, 405, 6.

²⁶ Vd. M. Augusto Babo, *La problematique du sujet dans le langage poétique*, Université de Paris, 1981, p. 137.

²⁷ Vd. M. Helena T. Lopes, *O Homem egípcio e sua integração no Cosmos*, Lisboa, Teorema, 1989, pp. 116ss.

²⁸ Pois o nome, como refere J. Zandee, é um elemento essencial da personalidade, através do qual se continua a viver, vd. J. Zandee, *Death as an enemy according to ancient egyptian conceptions*, Leiden, E. J. Brill, 1960, p. 179.

A Problemática da Nomeação no Antigo Egito

custo a sua destruição, total ou parcial²⁹, pois ela conduziria à *damnatio memoriae*. E assim o Egito cobriu-se de nomes, introduzidos em inscrições (mágicas) nos monumentos funerários³⁰ e nos templos³¹.

Eles garantiam a sobrevivência do indivíduo, a sua memória, mas podiam, simultaneamente, conduzir à sua anulação. Assim, para fugir à dimensão negativa inerente ao conhecimento do nome, o homem egípcio protegia-se com um outro nome, o seu nome secreto (*rn št3*)³², um nome desconhecido, interdito, não-dito, confidencial, que lhe permitia escapar à questão identitária e furtar-se, assim, ao enquadramento simbólico que ela impunha.

Todos estes nomes reflectiam, por um lado, a «tensão externa»³³ a que o nome estava sujeito e que era consequência da «rigidez» inerente ao próprio nome e, por outro, delimitavam um espaço relacional³⁴ onde os nomes, verdadeira linguagem que reflectia as formas de sensibilidade e os valores do grupo, só eram inteligíveis para os membros desse grupo, estabelecendo assim uma diferença entre o «grupo» e o «estranho».

«– Nunca pensou em mudar de nome?

– Não, porque o nome sou *eu*»

Marguerite Yourcenar, *De olhos abertos*
– conversas com Matthieu Galey, p. 41

²⁹ A destruição ou mutilação do nome visava não só obliterar a recordação do defunto, como anular mesmo a sua existência, vd. S. Sauneron, «Le Monde du Magicien Egyptien» in *Le Monde du Sorcier*, Paris, Ed. du Seuil, 1966, p. 49.

³⁰ Vd. E. Lefébvre, «L'importance du Nom chez les Egyptiens» in *Sphinx I*, Upsala, Almqvist & Wiksell, 1897, p. 105. A este propósito vd. J. Derrida, *Otobiographies – l'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*, Paris, Editions Galilée, 1984, p. 44 e p. 56.

³¹ Vd., por exemplo, J. Léciant, *Montouemhat, quatrième prophétie d'Amon, prince de la ville*, Cairo, I.F.A.O., 1961, p. 19.

³² A expressão *rn št3* só é conhecida a partir do Império Novo, mas é certamente mais antiga, pois o uso destes nomes remonta ao Império Antigo, vd. J. Sainte Fare Garnot, «Les fonctions, les pouvoirs et la nature du Nom Propre dans l'Ancienne Egypte d'après les Textes des Pyramides» in *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, Paris, P.U.F., 1948, p. 470. Vd., ainda, M. Helena T. Lopes, *o.c.*, pp. 113ss.

³³ Vd. J. Bragança de Miranda, «Modernidade, Espaço Público e Conflito das Nomeações» in *Revista das Comunicações e Linguagens*, nº 2, 1985, p. 25.

³⁴ Vd. J. Derrida, *De la Grammatologie*, Paris, Les Editions de Minuit, 1967, pp. 163-164.